

Práticas associadas ao ESG e à Sustentabilidade nas empresas

Alaercio Nicoletti Junior (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

alaercio.nicoletti@mackenzie.br

Maria Célia de Oliveira (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

mariaceliaoliveira03@gmail.com

André Luís Helleno (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

andre.helleno@mackenzie.br

O ESG (Environmental, Social e Governance) surge como alternativa sustentável para a captação de recursos financeiros por parte das organizações a partir de compromissos em suas dimensões ambiental, social e em governança. Objeto de estudo das ciências econômicas há mais de dez anos, a engenharia de produção pode contribuir com o seu desenvolvimento no que diz respeito à padronização e sistematização de suas práticas no âmbito da Sustentabilidade. Nesse contexto, o propósito deste artigo foi desenvolver uma pesquisa do cenário atual do ESG no Brasil e identificar oportunidades para o amadurecimento de suas práticas junto ao ambiente corporativo, de forma a potencializar o desenvolvimento de negócios efetivamente comprometidos com o ambiente e a sociedade. Como contribuição para estudos futuros, o estudo produziu um comparativo entre as práticas associadas às dimensões do ESG levantadas em estudos, as que originaram emissões de títulos financeiros verdes e os objetivos de desenvolvimento sustentáveis da ONU.

Palavras-chave: ESG, Sustentabilidade, green bonds, Engenharia de Produção.



1. Introdução

O termo ESG (*Environmental, Social and Governance*) ou sua tradução ASG (Ambiental, Social e Governança) foi alcunhado em 2004 pela parceria Pacto Global e Banco Mundial (PACTO GLOBAL, 2021), tem recebido a atenção do mundo acadêmico e das empresas na prática, com suas dimensões associadas diretamente à estratégia das organizações. Em levantamento realizado em duas semanas em dois dos principais meios de informação com tiragens online e impressas no Brasil, apurou-se a citação do termo em mais de 70 artigos, associados a colunas que tratam de negócios, tais como Economia, Empresas, Investidor, Agronegócios etc.

Essa importância que vem assumindo o tema resulta da redução de riscos organizacionais que resultem em perdas financeiras. Segundo Kim e Li (2021), o ESG tem sido um termo usado de forma corrente entre os investidores, geralmente contribuindo de forma positiva para a classificação de crédito de uma empresa, que justifica a opção dos investidores em considerar os seus critérios (ESG) para a gestão dos portfólios de investimentos, visto que reduz o risco de perdas. No mesmo sentido, Alda (2021) aponta que tem aumentado a integração dos fatores ESG em fundos de investimentos convencionais.

Os estudos acadêmicos apontam, segundo Kluza et al. (2021), que as empresas estão mudando seus modelos de negócio em direção à sustentabilidade, uma vez que seu direcionamento reflete positivamente no desempenho financeiro organizacional, além das pressões para incorporação dos fatores ESG realizado pelas instituições financeiras e os investidores.

Fora do âmbito financeiro, segundo Nosratabadi et al. (2019), o interesse por negócios sustentáveis reflete o comportamento dos consumidores e a adoção de modelos de negócio inovadores que consideram os objetivos sustentáveis, tem resultado em vantagem competitiva para as organizações. Esse raciocínio reforça o que Lee e Saen (2012) concluem ter as pressões organizacionais vinda dos clientes por produtos e serviços sustentáveis.

Santamaria (2021) contempla, ainda, que apesar do ESG ser tema significativo tanto para a academia quanto para as agências reguladoras e para as empresas, pouca atenção tem sido dispendida para as estratégias não-financeiras, bem como na sua divulgação. Nessa perspectiva, principalmente no Brasil, parece que o assunto está ainda relacionado quase que integralmente em estudos financeiros e há oportunidades para levantamento e associação do termo ESG com ações empresariais que vão além do puramente econômico, associando-o com o desempenho corporativo.

O objetivo desse artigo é apontar os estudos que abordam o tema e a aplicação do ESG no ambiente industrial brasileiro. Pretende-se com esta pesquisa fomentar a discussão sobre o ESG, Sustentabilidade e o panorama das suas aplicações, considerando o perfil das empresas, a percepção dos stakeholders e o comportamento do mercado frente a esta aplicação.

O estudo está organizado em cinco seções, a saber: introdução, o referencial teórico sobre ESG e Sustentabilidade, o método de pesquisa, os resultados alcançados, e a discussão em relação ao levantamento teórico e a conclusão do trabalho.

2. Referencial teórico

Segundo Dyllick e Hockerts (2002), a sustentabilidade no ambiente de negócios consiste no atendimento às necessidades dos stakeholders, quer sejam esses diretos ou indiretos, tanto atualmente quanto no futuro. Nesse contexto, conforme Lopez et al. (2007), a sustentabilidade confere à organização uma diferenciação competitiva em seu mercado de atuação. Assim, a consideração da sustentabilidade na estratégia organizacional cria valor a longo prazo.

Um desafio para a empresa tem sido a transformação de seus negócios para o modelo sustentável. Conforme Kluza (2021), existe uma relação positiva entre sustentabilidade e desempenho financeiro, o que impulsiona as empresas para tornarem mais sustentáveis seus negócios, além da pressão realizada pelos investidores de capital e instituições financeiras no sentido da incorporação dos fatores ESG na tomada de decisão.

O ESG, conforme Kim e Li (2021), é um termo associado a desempenho financeiro, mas que pode também contemplar indicadores não financeiros, associados a ética nos negócios, responsabilidade social e governança corporativa. A sigla é considerada sobretudo pelos investidores, trazendo benefícios financeiros como investimentos e acesso a empréstimos com taxas mais atrativas, para empresas que assumem responsabilidades sociais e ambientais associados a uma governança bem estruturada.

No mesmo sentido, Shakil (2021) conclui em sua pesquisa eu a adoção do ESG na estratégia de negócio reduz os riscos financeiros da empresa devido à integração da sustentabilidade nas suas práticas. Em resumo, as boas práticas ESG confirmam que ao reduzir riscos de impactos ambientais e sociais devido a seu comprometimento com tais pilares, as empresas representam menor potencial de perdas financeiras, o que traz maior segurança aos investidores quanto ao retorno das aplicações nessas organizações.

Contudo, ainda de acordo com Shakil (2021), o mercado penaliza as organizações que praticam o greenwashing (lavagem verde). O greenwashing é uma prática que pode ser usada, conforme Brooks e Oikonomou (2018), para desviar o foco dos investidores para comportamentos empresariais duvidosos, sendo que as empresas podem usá-la para proteção para que eventuais transgressões fiscais causem menos danos à sua reputação ao se tornarem públicas.

Um levantamento na base Scopus do termo ESG é apresentado na figura 1 nos últimos 6 anos, sendo que a pesquisa foi realizada no mês de maio de 2021.

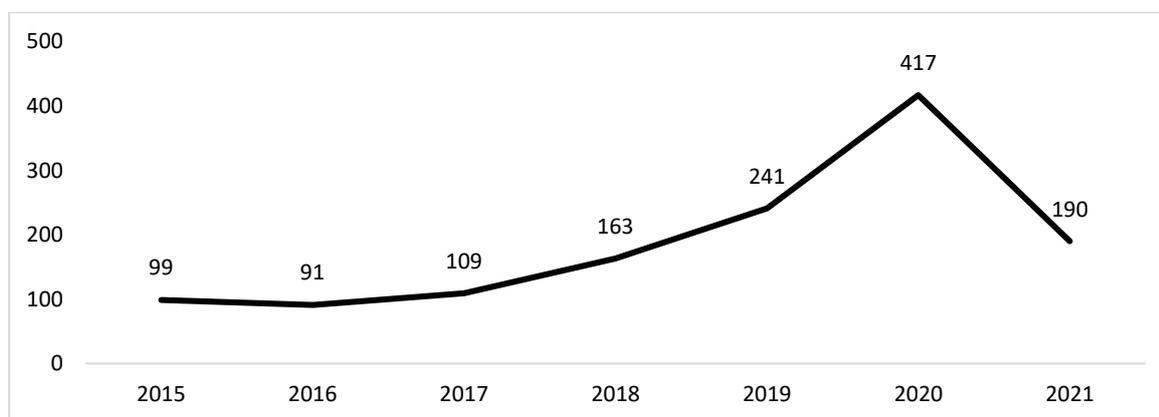


Figura 1: Publicações Scopus sobre ESG.

Observa-se um crescimento das publicações sobre o tema, o que reforça a tendência de aumento do interesse pelo tema. Constatou-se, ainda, que dos 1310 artigos publicados no período, apenas 10,4% (ou 136 em quantidade) estão na sub-área de Engenharia, sendo que a grande maioria dos documentos estão nas sub-áreas de Negócios, Gestão e Contabilidade (44,2%); Economia, Econometria e Finanças (32,8%) e Ciências Sociais (26,2%). Observa-se que os percentuais ultrapassam os 100% pois uma publicação pode ser classificada em mais de uma sub-área.

Na tentativa de uma definição de ESG, Matos (2020) ressalta que não há consenso quanto aos temas exatos envolvidos com o conceito, assim como sua materialidade, contudo, é consenso que a ideia é a criação de valor para a empresa. A Tabela 2 compila temas atinentes a cada uma das suas dimensões.

Os índices de Sustentabilidade surgiram com o primeiro propósito de associar a sustentabilidade ao desempenho organizacional, além de padronizar uma forma de avaliação que agregue valor aos stakeholders. Assim, surgiram índices como o Global Reporting Initiative (GRI), que permitem uma pontuação e a possibilidade de comparação do nível de sustentabilidade das organizações (SEARCY e ELKHAWAS, 2011, GRI, 2021). Nesse sentido,

o World Business Council for Sustainable Development – WBCSD (2002) mostra que tais relatórios permitem ao stakeholders internos e externos a formação de uma imagem da organização em relação aos pilares ambiental, social e econômico.

No mercado financeiro, a B3 (Bolsa de Valores Brasileira) criou o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) em 2005, agrupando as melhores práticas ESG e conta com 46 ações e 39 empresas signatárias (EXAME, 2021). O ISE B3, como é chamado o índice, permite comparar o desempenho de empresas segundo aspectos da sustentabilidade corporativa (ISE B3, 2021) e sua classificação envolve a verificação do comprometimento organizacional com os critérios das 3 dimensões do ESG. Segundo a própria ISE B3 (2021), o índice baseia-se no equilíbrio ambiental no âmbito ambiental (E), na justiça social no social (S), na eficiência econômica e governança corporativa, ambos no tópico governança (G).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu, segundo ONU (2021) 17 ODS para atingimento da agenda 2030 de desenvolvimento mundial e do Brasil, esses ODS estão caracterizados na Tabela 1.

Tabela 1 – ODS ONU

Fonte: ONU (2021)

ODS	Descritivo
1	Erradicação da pobreza
2	Fome zero e agricultura sustentável
3	Saúde e bem estar
4	Educação de qualidade
5	Igualdade de gênero
6	Água potável e saneamento
7	Energia limpa e acessível
8	Trabalho decente e crescimento econômico
9	Indústria, inovação e infraestrutura
10	Redução das desigualdades
11	Cidades e comunidades sustentáveis
12	Consumo e produção responsáveis
13	Ação contra a mudança global do clima
14	Vida na água
15	Vida terrestre
16	Paz, justiça e instituições eficientes
17	Parcerias e meios de implementação

O estabelecimento dos ODS, conforme a ONU (2021) tem como propósito o apelo global para redução da pobreza, proteção do meio ambiente, incluindo o clima e assegurar a paz e a prosperidade para as pessoas em todos os lugares. É possível verificar pela tabela que a

exequibilidade dos 17 ODS, devido a sua abrangência ampla, envolve o comprometimento compartilhado de governos, empresas e pessoas.

Conforme o ISE B3 – Release 2020 (2021), a carteira ISE B3 é certificada pelas empresas terceiras na análise técnica dos questionários, que são respondidos pelas empresas espontaneamente, realizado pela ABC Associados, a asseguarção pela KMPG e o monitoramento de imprensa pela Imagem Corporativa. Segundo o release 2020 citado, as organizações classificadas apresentam boas práticas nas três dimensões do ESG e priorizam, conforme os impactos da empresa sobre os objetivos, os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis) da ONU números 9, 13, 8, 16 e 7, em ordem do mais impactado para o menos utilizado, variando de 83% a 66% das corporações. Ainda acerca das práticas apontadas pela carteira ISE B3, destacam-se as associadas aos temas diversidade, equidade, gestão de riscos corporativos, atendimento às ODS da ONU e sua integração à estratégia, assim como adoção de compromissos 2030.

A importância do ESG como estudo acadêmico e prático segue uma tendência positiva, uma vez que traz os holofotes para a sustentabilidade e permite sua rentabilização a partir da redução de riscos para os investidores. Nesse sentido, o presente estudo tem por fim aproximar as práticas de sustentabilidade com o ESG, numa visão prática que vai além das consequências econômicas.

A pesquisa envolve o entendimento de como os compromissos públicos em ESG assumidos por empresas brasileiras estão refletindo em diferencial competitivo, assim como sua importância para a valorização de resultados financeiros para a organização.

3. Método da pesquisa

A pesquisa realizou um levantamento em mídias de notícias brasileiras (jornais online e impressos) e documento das práticas associadas à sigla ESG e quais são aquelas que podem gerar benefícios financeiros para a organização que as executam. Por fim, há um cruzamento dos dados levantados para entender se há como sistematizar o assunto.

O método conta com três etapas:

1. Levantamento teórico das práticas associadas a cada dimensão do ESG.
2. Verificação das práticas associadas à emissão de títulos lançados no mercado e que trouxeram retorno em investimentos para a empresa.
3. Identificação de empresas que buscam uma atuação e classificação a partir das dimensões do ESG.

A seguir tem-se a sequência das etapas, conforme enunciado acima.

3.1. Práticas associadas ao ESG

A Tabela 2 mostra, segundo Matos (2020) as práticas associadas a cada uma das dimensões do ESG. No geral, esses tópicos contemplam os indicadores estabelecidos pela classificação da ISE B3 (2021).

Tabela 2 – Práticas associadas ao ESG

Fonte: Matos (2020)

Ambiental	Social	Governança
<ul style="list-style-type: none"> • Mudança do clima e emissões de carbono • Uso de recursos naturais e gestão de energia e água • Poluição e desperdícios • Ecodesign (design ecológico) e inovação 	<ul style="list-style-type: none"> • Saúde e segurança da força de trabalho, diversidade e treinamento • Responsabilidade pelo cliente e pelo produto • Relações com a comunidade e atividades de caridade 	<ul style="list-style-type: none"> • Direitos dos stakeholders • Composição dos conselhos de administração (independência e diversidade) • Política de remuneração da administração • Fraude e suborno

A dimensão ambiental (E) trata da emissão de gases de efeito estufa, gestão dos recursos naturais e a produção enxuta, trabalhando na prevenção de riscos, com design ecológico e inovação. A responsabilidade social (S) diz respeito às responsabilidades da empresa para com seus colaboradores e a sociedade como um todo. Já a Governança Corporativa (G) abrange a atuação da gestão com lisura e transparência, mantendo o foco no atendimento dos interesses dos stakeholders.

3.2. Práticas do mercado

A Tabela 3 traz a compilação de algumas emissões de títulos com base em compromissos ESG e que captaram valores acima de R\$ 10 milhões.

Tabela 3 – Práticas associadas a emissão de títulos

Fonte: Estado de São Paulo (2021), Exame (2021), Capital Reset (2021)

Empresa	Valor		Atuação					
	Moeda	Valor	Emissão CO2	Energia Limpa	Água	Economia Circular	Produção enxuta	Florestas
BV	Dólar	50 milhões		X				
BRF	Euro	500 milhões	X	X	X	X	X	X
Burger King	Reais	18,6 milhões		X				
Klabin	Dólares	1,2 bilhão		X				X
CPFL	Reais	200 milhões		X				
Suzano	Reais	1 bilhão						X
Suzano	Dólares	750 milhões	X					
Taesa	Reais	1,5 bilhão		X				
Natura	Reais	1 bilhão	X			X		

Observa-se que os títulos estão essencialmente concentrados em metas ligados à dimensão ambiental do ESG. Existem títulos embasados em compromissos mais abrangentes, o da BRF, enquanto a grande maioria corresponde a um ou dois tópicos de atuação no pilar ambiental. Temas ligados a Emissão de CO₂, energia limpa e florestas (reflorestamento ou conservação) são os que aparentemente os mais atrativos para os investidores ou são temas preferenciais das empresas.

3.3. Empresas

A Tabela 4 apresenta a lista de 39 empresas que compõem a carteira ISE B3 (2021). A carteira considerou 50% das 78 organizações que se inscreveram no processo e foram consideradas elegíveis.

Tabela 4 – Carteira ISE BE 2021

Fonte: ISE B3 (2021)

AES Tiete	Copel	Itaú Unibanco	MRV
B2W	Cosan	Itaúsa	Natura
Banco do Brasil	CPFL	Klabin	Neoenergia
BR Distribuidora	Duratex	Light	Petrobras
Bradesco	Ecorodovias	Lojas Americanas	Santander
BRF	EDP	Lojas Renner	Suzano
BTG	Eletrobras	M. Dias Branco	Telefônica
CCR	Engie	Marfrig	Tim
Cemig	Fleury	Minerva	Weg
Cielo	GPA	Movida	

Observa-se que a tabela traz no seu rol empresas de grande porte em diversos mercados de atuação, o que mostra o potencial de atratividade dos critérios ESG para esse tipo de corporação.

4. Resultados e Discussões

A partir dos levantamentos acima, observa-se que, embora aparentemente, no comparativo das Tabelas 1 e 2 não seja necessária uma atuação em todas as dimensões do ESG para que seja reconhecida como sustentável pelo mercado financeiro, na prática, a Tabela 4 garante uma classificação prévia em ESG para que a organização possa emitir uma debênture, que, conforme ISE B3 (2021), garante os compromissos nas dimensões ambiental, social e em governança.

Contudo, conforme Matos (2020) também é perceptível a ausência de um entendimento padronizado dos pilares sólidos em sustentabilidade para garantir o atendimento ao ESG em sua plenitude. Estudamos o modelo da Bolsa de Valores do Estado de São Paulo e ele parece rentável para as empresas, tendo como base os títulos emitidos e suas captações de investimentos. Contudo, não está claro se a emissão de um título garante o comprometimento da organização emitente com os tópicos relacionados na Tabela 2, que foi construída a partir de estudo científico.

A Tabela 5 apresenta um comparativo entre as tabelas 1 a 3, contemplando as práticas ESG levantadas na teoria e na práticas, assim como os ODS das ONU.

Tabela 5 – Comparativos entre Práticas ESG e ODS

Fonte: autores

Práticas associadas ao ESG	ODS	Emissão CO2	Energia Limpa	Água	Economia Circular	Produção enxuta	Florestas
Ambiental							
Clima - possui inventário de emissões	13	X					
Recursos naturais, gestão de energia e água	6, 7		X	X			X
Poluição e desperdícios - Economia Circular	12				X		
Ecodesign e inovação	9					X	
Social							
Saúde e segurança da força de trabalho	3, 8						
Diversidade	5						
Responsabilidade pelo cliente e pelo produto	9, 12					X	
Relação com a comunidade	10						
Governança							
Direitos dos stakeholders	16						
Conselho: independência, diversidade	5, 16						
Fraude e suborno	16						
	ODS	13	7	6	12	9	13

Na Tabela 5 apresenta nas linhas as práticas ESG levantadas pela academia da Tabela 2 e nas colunas o que as empresas estudadas emitiram em papéis financeiros, conforme Tabela 3. A associação das linhas e colunas nas ODS da Tabela 4 foram realizadas pelos autores.

Observa-se que, mesmo havendo uma validação prévia das nas dimensões ambiental, social e em governança, ao menos para as empresas classificadas pelo ISE B3, os títulos lançados não refletem o todo e sim compromissos em uma ou mais ODS, sempre associadas a ações ambientais, no caso estudado, embora não se tenha identificado no estudo a existência de debêntures para ações sociais ou em governança.

As práticas apontadas na Tabela 2, por sua vez, são mais abrangentes, sendo que não se ocupam diretamente das ODS 1, 2, 4, 14, 15 e 17, embora essas possam ser contempladas na prática pelas ações.

Assim, identifica-se pela Tabela 5 uma oportunidade para integração aproximando os objetivos para desenvolvimento do planeta (ODS), o atendimento às dimensões do ESG e as emissões de títulos verdes. Essa aproximação pode possibilitar a identificação de um padrão ESG único a ser contemplado e monitorado pelas organizações, reduzindo o risco nas dimensões ambiental, social e em governança, o que possibilitaria maior segurança para o investidor e, conseqüentemente, ganhos financeiros para as corporações.

5. Conclusão

O ESG, em suas dimensões social, ambiental e em governança traz uma nova perspectiva para a Sustentabilidade dentro das organizações, permitindo a tomada de crédito a juros menores e a emissão de papéis de crédito verde, além de possibilitar uma visão positiva da empresa para seus consumidores e stakeholders em geral. O crescimento do interesse pelo tema intensifica a necessidade de padronização em sua abordagem e o estabelecimento de critérios bem definidos para que o tema seja homogeneizado.

Apesar de haver critérios de classificação, o mercado, sobretudo financeiro, parece mais preocupado com a vinculação de um compromisso em qualquer das perspectivas ESG e não com o atendimento por parte da empresa de todas as recomendações necessárias para a efetiva redução de riscos sociais, ambientais e econômicos que envolvem a Sustentabilidade.

A chancela de uma instituição terceira em ESG é importante para a emissão de um título verde, mas fica a dúvida se uma instituição financeira deveria ser uma boa avaliadora para aceitação de debêntures negociadas em sua própria base. Assim, há uma oportunidade de incorporação de índices existentes envolvendo outras instituições como as já existentes como o GRI, com ou sem a criação de novos critérios, desde que padronizados.

Uma contribuição do estudo consiste na Tabela 5, que apresenta quão aderente estão as práticas ESG valorizadas pela academia e pelas organizações e mercado financeiro, identificando oportunidades de aproximação, em estudos futuros, das abordagens para o estabelecimento de um modelo padronizado para checar o envolvimento ESG de uma organização.

A Engenharia de Produção é uma área que pode contribuir nesse sentido, pois seus estudos em Economia Circular e na sistematização da Sustentabilidade como um todo, pode agregar valor

à visão econômica do ESG. Ainda não há muitas contribuições nas áreas de engenharia, o que mostra um potencial caminho para estudos futuros.

REFERÊNCIAS

Alda, M. (2021). The environmental, social, and governance (ESG) dimension of firms in which social responsible investment (SRI) and conventional pension funds invest: The mainstream SRI and the ESG inclusion. *Journal of Cleaner Production*, 298, 126812.

B3 – Bolsa de Valores do Estado de São Paulo.

<<http://www.b3.com.br/data/files/1A/D7/91/AF/132F561060F89E56AC094EA8/Guia-para-empresas-listadas.pdf>>. Acesso em 25/05/2021.

Brooks, C., Oikonomou, I. (2018). The effects of environmental, social and governance disclosures and performance on firm value: A review of the literature in accounting and finance. *The British Accounting Review*, 50(1), 1-15.

Capital Reset. Natura capta US\$ 1 bi com títulos atrelados a sustentabilidade. 27 de abril de 2021

<<https://www.capitalreset.com/natura-capta-us-1-bi-com-titulos-atrelados-a-sustentabilidade/>>. Acesso em 24/05/2021

Dyllick, T., & Hockerts, K. (2002). Beyond the business case for corporate sustainability. *Business strategy and the environment*, 11(2), 130-141.

Estado de São Paulo, Título verde movimentado US\$ 8,1 bilhões no Brasil. 11 de setembro de 2020.

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,uso-de-floresta-e-geracao-de-energia-predominam-entre-projetos-financiados-por-titulo-verde-no-pais,70003431753>>. Acessado em 24/05/2021.

Exame. Suzano busca US\$ 750 milhões com emissão sustentável inédita para o Brasil. 10 de setembro de 2020. <<https://exame.com/exame-in/suzano-busca-us-750-milhoes-com-emissao-sustentavel-inedita-no-brasil/>>. Acesso em 24/05/2021.

Exame Invest. Sustentabilidade empresarial: o que é, como e por que adota. 03 de maio de 2021.

<<https://invest.exame.com/esg/sustentabilidade-empresarial>>. Acesso em 24/05/2021.

GRI – Global Reporting Initiative (2021), <https://www.globalreporting.org/>, Acesso em 25/05/2021.

ISE B3 < <http://iseb3.com.br/o-que-e-o-ise>>. Acesso em 25/05/2021.

ISE B3 – Release 2020 <https://iseb3-site.s3.amazonaws.com/Release_2020.pdf> . Acesso em 30/05/2021.

Kim, S., Li, Z. Understanding the Impact of ESG Practices in Corporate Finance. Sustainability 2021, 13, 3746. <https://doi.org/10.3390/su13073746>.

Kluza, K., Ziolo, M., & Spoz, A. (2021). Innovation and environmental, social, and governance factors influencing sustainable business models-Meta-analysis. Journal of Cleaner Production, 127015.

López, M. V., Garcia, A., & Rodriguez, L. (2007). Sustainable development and corporate performance: A study based on the Dow Jones sustainability index. Journal of business ethics, 75(3), 285-300.

Matos, P. (2020). ESG and Responsible Institutional Investing Around the World: A Critical Review.

Nosratabadi, S., Mosavi, A., Shamshirband, S., Kazimieras Zavadskas, E., Rakotonirainy, A., Chau, K. W. (2019). Sustainable business models: A review. Sustainability, 11(6), 2019. <https://doi.org/10.3390/su11061663>

ODS ONU < <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> > . Acesso em 30/05/2021.

Pacto Global - Entenda o significado da sigla ESG (Ambiental, Social e Governança) e saiba como inserir esses princípios no dia a dia de sua empresa. ESG. Disponível em <<https://www.pactoglobal.org.br/pg/esg#:~:text=ESG%20%C3%A9%20uma%20sigla%20em,Mundial%2C%20chamada%20Who%20Cares%20Wins>> Acesso em 23/05/2020.

Santamaria, R., Paolone, F., Cucari, N., & Dezi, L. (2021). Non-financial strategy disclosure and environmental, social and governance score: Insight from a configurational approach. *Business Strategy and the Environment*, 30(4), 1993-2007.

Searcy, C., & Elkhawas, D. (2012). Corporate sustainability ratings: an investigation into how corporations use the Dow Jones Sustainability Index. *Journal of Cleaner Production*, 35, 79-92.

Shakil, M. H. (2021). Environmental, social and governance performance and financial risk: Moderating role of ESG controversies and board gender diversity. *Resources Policy*, 72, 102144.

Verde Ghaia. < <https://www.verdeghaia.com.br/indice-de-sustentabilidade-b3/>>. Acesso em 25/05/2021.

WBCSD – World Business Council for Sustainable Development. (2002). Sustainable development reporting: Striking the balance. Geneva: World Business Council for Sustainable Development.